

## O (COR)PO NEGRO POLÍTICO DE LINIKER<sup>1</sup>: uma perspectiva de liberdade de expressão e resistência

Jackson Douglas Leal SILVA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### Resumo

O artigo, O (COR)PO NEGRO POLÍTICO DE LINIKER: uma perspectiva de liberdade de expressão e resistência, tem como foco refletir dialética e dialogicamente sobre comunicação, racismo, liberdade de expressão e a resistência negra a partir da figura do/a cantor/a Liniker. Para tanto nas primeiras linhas, intitulado de Um olhar transgressor histórico, farei uma contextualização da escravidão no Brasil, ou melhor, uma reflexão sobre os estigmas que esta barbárie<sup>3</sup> provocou no povo negro. E na segunda parte que se interliga com a primeira discussão, Mais um olhar transgressor: Liniker, expressão e resistência, onde abordarei o (cor)po negro político de Liniker numa perspectiva de movimento político de resistência negra. A proposta ainda ambiciona trazer reflexões do negro com os Direitos Humanos e Cidadania para além de transversalizar, tencionar as discussões.

### Palavras-chave

Corpo; Liniker, Resistência; Expressão; Direitos Humanos; Cidadania

### Um olhar transgressor histórico

A escravidão na sociedade brasileira perdurou por mais de 300 anos fazendo com que a construção da imagem do negro na sociedade brasileira se desse por um sistema de opressão, subalternização, hierarquia e exploração impondo ao negro uma posição de inferioridade e marginalização. Para entendermos melhor esse processo e também o desconforto do negro com a própria pele e o corpo realizarei uma breve contextualização histórica aqui chamado de um olhar transgressor histórico e também trarei para a discussão a

---

<sup>1</sup> Liniker de Barros Ferreira Campos (1995), nasceu em Araraquara – SP. É conhecido artisticamente como Liniker é um cantor/a e compositor/a brasileiro/a de soul e black music. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Liniker\\_Barros](https://pt.wikipedia.org/wiki/Liniker_Barros) acessado dia 15/07/2016 às 15hs30min.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, linha de Mídia e cidadania, da Faculdade de Informação e Comunicação FIC-UFG. Também é bolsista CAPES desde maio de 2016. email: jackgyn\_@hotmail.com

<sup>3</sup> I Acerca da barbárie Adorno se pronuncia da seguinte maneira: “Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda essa civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade” (ADORNO, 1995b, p.155).

figura de Liniker pensando a imagem dele para além da expressão, mas também como resistência negra.

Ao olhar para a escravidão e nos castigos corporais aplicados aos negros vemos o auto grau da perversidade humana. Temos por exemplo de castigos: a castração, a amputação de seios, das mãos, a quebra dos dentes com martelo e, em alguns casos, o emparedamento vivo, ou seja, o escravo era fechado vivo numa parede.

Esses tipos de torturas perduraram na sociedade brasileira e em todo o mundo escravista por mais de três séculos. Uma das maiores diásporas de todos os tempos – a diáspora negro-africana – onde os indivíduos inseridos nesse sistema foram obrigados a fazer parte do processo de formação sociocultural, político e socioeconômico brasileiro.

Os negros, de acordo com Albuquerque e Filho (2006), resistiram muito à escravidão e a todo esse sistema de opressão, podemos citar a criação dos quilombos e as fugas, o não abandonar alguns costumes e crenças, as festas, a culinária, os jogos de capoeira, o samba de roda o candomblé dentre outros. Até que, de acordo com os dados históricos publicados no site do planalto brasileiro, depois de muitos movimentos sociais, abolicionistas, dentre outros, a princesa Isabel – a filha regente de D. Pedro II – em 13 de maio de 1888 promulga a Lei Áurea<sup>4</sup> mostrando ao Brasil o sentido da liberdade e da igualdade entre os homens firmados nas bases dos direitos humanos e direitos de cidadania. Mas como veremos a seguir a Lei Áurea, apesar de ter sua importância para a sociedade escrava, não sanou de fato a escravidão e todos os problemas que esta acarretou aos escravizados.

O ex- escravo, então, foi lançado a sua própria sorte para conseguir se inserir e se integrar na sociedade de classes e constituir um novo conceito da imagem do negro na sociedade brasileira, porém essa reinserção social dos ex-agentes de trabalho escravo era quase impossível, pois:

A desagregação do regime escravocrata e senhorial operou-se, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que o protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumissem encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho (FERNANDES, 1965, p.01).

---

<sup>4</sup> Lei que em tese acabaria com o sistema escravista vigente à época: ver texto da Lei Áurea nesse link: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim3353.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm) acessado dia 10/07/2016 às 10hs15min.

O recém- liberto, então, não conseguia seguir sua vida, integrar-se no mercado trabalhista, um dos fatores era a falta de qualificação. O ator social subjugado, o homem escravizado, que atuava na cena da produção de açúcar, do café e da exploração dos minérios, agora taxado de mau trabalhador, sai - em sua maioria - da cena rural a caminho das rudimentares cidades, em busca de um espaço em um sistema, até então, pouco diversificado e onde a mão de obra desqualificada era pouco ou (não) aceita.

Muitos dos ex-agentes escravizados lutavam, para conquistar seu espaço enquanto participantes dessa sociedade, agora "democrática", outros não tendo para onde ir continuavam com seus antigos patrões, só que agora eles vendiam a força do seu trabalho; muitos tinham a habilidade com o artesanato, culinária, etc. e tinham que disputar espaço com os imigrantes europeus que, também, tentavam conseguir se estabelecer economicamente e iniciar uma nova vida aqui no Brasil.

Enquanto para o patrão que contratava os trabalhadores importava apenas o rendimento do trabalho e o cumprimento de todas as cláusulas do contrato e a remuneração do fator de produção o estrangeiro via a oportunidade de iniciar uma nova vida na nova pátria. Mas, Segundo Florestan Fernandes (1965) o negro e o mulato, ponderava a liberdade e a dignidade da pessoa humana e a garantia de se reintegrar a esta sociedade. Ora se os Direitos Humanos (DH) garantidos na constituição federal brasileira em tese amparam todos cidadãos em seus direitos sociais, civis e políticos são cerceados neste instante, pois o negro fica jogado a própria sorte para conseguir se inserir na sociedade de classes.

Neste momento trago para discussão o pensamento de Dallari (2004) que entendi os Direitos Humanos como os:

[...]direitos fundamentais da pessoa humana. Eles são ditos fundamentais porque é necessário reconhecê-los, protegê-los e promovê-los quando se pretende preservar a dignidade humana e oferecer possibilidades de desenvolvimento. Eles equivalem às necessidades humanas fundamentais. (DALLARI, 2004, p.25)

Ao pensar neste conceito de DH defendido por Dallari e nas tensões vividas pelos negros diariamente percebemos o quanto estes são privados dos seus direitos. Isso também nos faz refletir que esse acontecimento pode ser um dos fatores que contribuiu para a construção da imagem do homem negro no imaginário brasileiro. Porém, se analisarmos a citação a seguir teremos outra visão do negro liberto, pois muitos dos ex-escravos, após a abolição da escravatura, em geral, não iam muito longe, outros apenas trocavam de fazenda, pois não suportavam as lembranças dos rigores do cativo, e, então, "fugia apenas à

senzala, que tão dolorosas recordações lhe trazia". Vejamos como o negro sempre batalhou para não ficar à margem no novo sistema trabalhista:

[...] 1º que em algumas regiões em decadência econômica ou com falta de braços, a transição se operou quase sem comoções - os antigos escravos conservaram-se trabalhando nas fazendas, como assalariados, com exceção de alguns (em geral artesãos), que se deslocavam para cidades próximas, às vezes com a proteção econômica dos antigos senhores; 2º onde havia mão de obra agrícola abundante, especialmente estrangeira, os libertos que abandonaram as fazendas raramente foram readmitidos, havendo pelo menos um informante que afirmou, categoricamente, que os fazendeiros os "mandaram embora", "pondo logo no lugar o colono italiano"; 3º o comportamento dos antigos escravos e libertos foi encarado pelos fazendeiros como uma manifestação intolerável da "ingratidão do negro", levando-os a agir com sede de represália ou a guardar ressentimentos inesquecíveis. Estabelecer esses pontos é de grande importância. Aí está a única pista indireta, de que dispomos, que demonstra o empenho do ex agente do trabalho escravo em não ser posto à margem da vida econômica ativa [...] (FERNANDES, 1965, p.17).

Segundo essa citação vemos que, o ex-agente de trabalho escravo não aceitava ficar à margem da sociedade econômica e trabalhista, lutou – e luta até hoje – constantemente para que isso acontecesse. Porém ainda existe vários tipos de pensamentos e reflexões a respeito do negro que são desfavoráveis e estes perduraram pelos anos seguintes nos cenários intelectuais e políticos do nosso país pelo menos o final dos anos 20 séc. XX, sendo pouco a pouco, até a contemporaneidade, bloqueado/velado para ser mais incisivo por uma crítica sistemática da questão racial brasileira - a democracia racial.

No que diz respeito aos estereótipos, de mulato, de crioulo e ainda o da depravação sexual, o erotismo, a luxúria – constituídos e sedimentados por essas discriminações e acusações, raça e vagabundagem – o negro se viu sistematicamente colocado à margem das esferas mais significativas da sociedade.

Percebemos que, a alternativa de sociabilidade que tornou acessível ao ex agente de trabalho escravo ou semi-acessível agrega a imagem do negro outro quesito que reforça a ideia de homem vagabundo, pois mesmo quando o negro ia festejar nos terreiros de candomblé havia ação de policiais para inibi-los. A capoeira, de igual modo, era proibida, o samba de roda e outras manifestações culturais dos negros, também, eram inibidas pela ação policialesca.

Essas manifestações culturais, eram vistas pelos poderosos como uma perda de tempo, e isso acrescenta a imagem do negro outros quesitos que reforçam a ideia do homem vagabundo do homem festivo, apenas preocupado com as coisas sem "importâncias", "improdutivas".

A constituição da imagem do negro na cultura brasileira, se deu nesse sistema subalterno, de opressão e de imposições, todavia ela é imposta não só pelos poderosos, mas também, pela sociedade, de homens livres brancos, imigrantes e poderosos. Pensando nestas questões e no conceito de Direitos de Cidadania trazidas por Marshall (1967) e Carvalho (2002) trago os dois para transversalizar, pois para o primeiro diz que a cidade é dividida em três categorias são elas: Direitos civis, políticos e sociais já o segundo pensa que não se pode rotular desde modo a cidadania, pois deve-se analisar o contexto de cada sociedade, sendo assim no Brasil essa pirâmide, segundo o autor, ocorreu de maneira inversa, ou melhor, de modos distintos.

Pensando nestas questões expostas acima e no negro percebo que, há muitos não gozam plenamente dos seus direitos, de sua liberdade, agora livres do sistema escravocrata não sofrem diretamente nas mãos dos feitores, mas de todo o sistema social, político, econômico e trabalhista – até mesmo na contemporaneidade a segregação velada se mantém; contudo Na sociedade brasileira esse racismo do que é o negro, bem como da negritude, tornou-se um racismo acobertado – como vimos outrora, muitos dos escravizados lutaram para não continuar à margem da sociedade e de seus sistemas. Não obstante, ainda são discriminados. Mas como diz Florestan Fernandes (1965), não esqueçamos nossa herança histórico-cultural. Temos que ter em mente que, o racismo e a discriminação racial são fenômenos do presente nos quais a persistência do passado transparece como marca ou estigma e que precisam ser combatidos.

Mas, será que a abolição da escravatura é plena como pensamos?

Uma pesquisa recente aponta que não. A fotógrafa Lisa Kristine<sup>5</sup>, percorreu todo o mundo documentando a realidade insuportavelmente dura da escravidão que permanece até hoje. Ela expõe e compartilha imagens dessa realidade que nos assombra - mineiros no Congo, trabalhadores de olaria no Nepal - desvelando, assim, a situação de vinte e sete milhões de pessoas escravizadas em todo o mundo. Porém, muitos países – inclusive o próprio Brasil, para não irmos longe – ainda hoje pregam a ideia de que há uma democracia racial, da qual Fernandes discorda.

---

<sup>5</sup> Lisa Kristine teve interesse precoce em antropologia e técnicas de impressão de fotografia do séc. XIX. Em 1999, e novamente em 2000, ela apresentou sua fotografia no Estado do Fórum Mundial. Em 2003, ela publicou seu primeiro livro, *A thread Humano*, captando o "retrato íntimo e honesto da humanidade". Em 2007, seu segundo livro, *This Moment*, ganhou o metal de bronze nos Independent Publisher Book Awards. Produziu também dois documentários para acompanhar cada livro. Já em 2010, Kristine viajou o mundo, em colaboração com a *Libertar os Escravos*, para documentar as vidas angustiantes dos escravizados. *Escravidão* foi publicado em 2010 (Fonte: [http://www.ted.com/speakers/lisa\\_kristine.html](http://www.ted.com/speakers/lisa_kristine.html). Acessado dia 17/06/2016 às 00hs56min).

Numa palestra em janeiro de 2012 no Mauí/Hawaí Kristine diz que, realmente acredita que se pudermos olhar uns aos outros como seres humanos, companheiros, se torna muito difícil tolerar atrocidades como a escravidão. Acrescenta ainda que suas fotografias não são de problemas. São de pessoas, pessoas reais e todas merecem os mesmos direitos, dignidade e respeito nas suas vidas.

Penso, então, desde quando há essa hierarquização da espécie humana? Desde quando há esse pensamento de classificação dos homens entre brancos e não brancos?

Para refletir melhor sobre estas questões tão polêmicas que intrigaram e ainda intrigam muitas pessoas da contemporaneidade brasileira, trago o autor José Jorge de Carvalho, que diz:

Se algo caracteriza a nossa era, em todo o planeta, é a presença do racismo fenotípico intenso. Os seres humanos que classificamos como caucasianos, isto é, de pele clara, olhos claros, cabelos lisos e narizes finos - enfim, os "brancos" ocidentais, europeus em geral e muito particularmente os anglo-saxões - definiram um padrão de valor e beleza para toda a espécie humana e o impuseram (antes a ferro e fogo e atualmente através da indústria cultural e do controle político e financeiro) a todo o resto do mundo (CARVALHO, 2008, p.1, parêntese do autor).

Depois da consolidação do tráfico de escravos na África pelos europeus o que marcou a imagem do homem branco ocidental como superior dos demais, segundo Carvalho (2008), foi a combinação entre escravidão, colonialismo e capitalismo e esta foi imposta de tal maneira, a "ferro e fogo", que os demais continentes começaram a se ver como não-brancos e, até mesmo, inferiores. Daí, deu-se início a uma hierarquização da espécie humana, ou seja, o homem europeu – caucasiano – se impôs como um ser soberano, sua figura se tornou modelar, a referência do que há de melhor e de superior. A imagem “dono de tudo e de todos”, acabou por ditar regras e padrões europeizados. Neste contexto, é possível identificar o racismo fenotípico, o qual resumidamente, trata-se dos traços físicos externos do corpo humano: cor da pele, olhos, cabelos e etc.

Refletindo sobre essas questões Carvalho afirma que:

Esse racismo fenotípico cresceu ainda mais na época do alto imperialismo, alcançando dimensões definitivamente globais no final do séc. XIX, quando a autointitulada "raça branca" se impôs nos cinco continentes e forçou os colonizados do mundo (americanos, africanos, asiáticos, povos do Oriente Médio, da Ásia menor e oceânicos) a aceitá-la como padrão de referência (CARVALHO, 2008, p.1).

É imposto a partir deste fato um padrão de referências estéticas a serem seguidas, primeiramente nas colônias e impérios, e, com o passar dos anos o corpo branco europeu tornou-se um objeto de desejo universal. Tais evidências refletiram e refletem na ciência,

nos meios de comunicação – rádio, tv, cinema, jornal impresso, internet dentre outras áreas de conhecimento. De acordo com Carvalho (2008), para culminar essa dominação, os próprios corpos europeus passaram a indicar [...] as características físicas da "raça" humana superior.

### **Um olhar transgressor: Liniker, expressão e resistência**

Partindo das questões relacionadas acima sobre racismo, discriminação racial, racismo na atualidade, e a estética do corpo idealizado pelos europeus trago como proposta agora pensar no/a cantor/a Liniker como uma proposta que vai além do performático, percebendo a expressão e resistência enquanto um artista preto, até antes da fama pobre e gay, e ainda sua estética transgressora.

Assim como nossos antepassados lutaram contra esse sistema hegemônico hierárquico e opressor, para citar alguns temos, Nelson Mandela(1918-2013), Zumbi dos Palmares(1655-1695), Rainha Nzinga(1583-1663), assim também em nossa contemporaneidade surge a figura de Liniker que acima de tudo usa do seu corpo negro e de seu estilo uma política de resistência, ocupação e emponderamento.

. Liniker é uma composição e construção constante de si. Sua fama aconteceu quando ele/a lançou o vídeo da música “Zero”, uma das três músicas do EP “Cru”. Antes de se ouvir da voz já se via um performance (de cantor e de gênero) de vestido, turbante, brincos, batom, colar com ornamentos – itens socialmente constituídos como femininos – e bigode. Ele não se caracteriza como homem nem tampouco como mulher, nem com os dois ao mesmo tempo, tal como ele expressa em entrevista ao canal da Folha de São Paulo no Youtube<sup>6</sup>. Ele se comunica por meio do (re)conhecimento de sua identidade, Jesús Martín-Barbero (1997, p. 16) vai conceituar a comunicação que, proponho uma apropriação de suas reflexões. Para ele a comunicação perpassa os meios que a opera, ou seja, a comunicação é pensada a partir das mediações sociais e culturais e, portanto, não só de conhecimento, mas em suma de (re)conhecimento.

Liniker é uma dessas construções fora do lugar comum da heteronormatividade e presente em todos eles. E sua forma de agir politicamente – no sentido de afirmação e ocupação - cria uma representatividade que reverbera nos mais distintos lugares e alcança aqueles indivíduos que também se sentem fora desse eixo, se sentem excluídos. Em uma entrevista que ele disponibilizou no dia 13 de novembro de 2015 para o jornal El País da

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_CiLh7ARjdY](https://www.youtube.com/watch?v=_CiLh7ARjdY). Acesso em: 18/ 06/2016 às 18hs05min.

cidade de São Paulo quando perguntado sobre o que ele queria transmitir com aquele corpo político – afirmação que fez numa pergunta anterior – ele fala que: *“Então, se você está aí, se sente reprimido e tem vontade de colocar seus demônios para fora, mostrar quem você realmente é, coloque-se. Esse é um dos meus maiores desejos como artista desta geração (LINIKER, 2015 – Grifos meus).*

Vários autores fazem reflexões sobre o corpo, Laura Guimarães Corrêa (2006, p.4) por exemplo diz que o corpo construído socialmente e é carregado de signos, “ estão no corpo sinais de dominação e subordinação. Nele culminam conflitos travados pelos grupos sociais, nele operam-se lutas e afirmações de poder”. Pensando nestas questões e no corpo negro percebo que este carrega consigo sinais de lutas e resistência dos nossos antepassados, este que tiveram seus corpos mutilados, massacrados, coisificado e objetificado. Diante disso vejo esse movimento em Liniker, que se apropria do discurso e se (re)conhece e afirma, *“Sou preto, pobre e gay e tenho potência também”* (Liniker, 2015) ao falar isso ele/a demonstra que está usando seu talento para além do entretenimento, ocupando lugares que outrora era apenas reservado aos brancos, ao fazer isso está indo contra o sistema hegemônico, opressor, hierárquico e racista mostrando que os negros – como se pensava outrora pelos opressores não ser capazes de nada a não ser o trabalho braçal – também tem “potência” são capazes de produzir conhecimento, talento, expressões, militâncias e resistências.



Fonte: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/liniker-e-a-nova-voz-da-musica-brasileira-e-a-nova-cara-da-liberdade-de-genero>. Acessado dia 15/07/2016 às 21hs45min.



Ao afirmar “*Meu corpo é um corpo político*. Preciso mostrar para as pessoas o que estou passando. ‘Este é o Liniker, um cara pode usar um batom, turbante e cantar’ (Liniker, 2015). Ao afirmar isso ele/a nos mostra que também é um cidadão, pensando no conceito de cidadania explicitado anteriormente, se somos livres para nos expressarmos, para ir e vir não podemos nos reservar a algo que não somos, ou como ele/a bem diz “liberte seus demônios” falando isso ele/a está mostrando sua força enquanto negro/a, artista, pobre e gay indo contra aos padrões heteronormativos vigentes na sociedade brasileira.

Voltando a olhar para o corpo negro trago para discussão os pensamentos da autora Nilma Lino Gomes (2002) nos chamam atenção para a coisificação do corpo negro, segunda a autora o significado pejorativo atribuído ao corpo negro não se dava somente pela condição escravista, mas sim pela forma como os senhores se relacionavam e tratavam o corpo dos negros escravizados. Os castigos corporais (as marcas de ferro com o nome do dono), a mutilação, os açoites e os abusos sexuais dentre outros. Pensando em Liniker e na sua resistência Gomes (2002) comenta:

Em uma época em que a liberdade estava associada a carta de alforria os negros escravizados resistiam com: As danças, os cultos, as tranças, a manipulação do corpo, as ervas medicinais como modos específicos e libertadores de trabalhar o corpo. Esse corpo é espaço de conflito, dor e rejeição, porém apesar de tentarem coibir essa resistência os negros mantiveram ou recriaram em seus corpos os sinais e adereços das culturas africanas. “[...] enfeites, turbantes, brincos, colares, penteados, tranças, ou seja, o corpo sendo usado como espaço de expressão e resistência (GOMES, 2002, p.04).

A representação que Liniker cria de si mesmo é construída, tal como na linguagem, através da cadeia de significados, no qual é necessário o entendimento do sistema de signos por ambos os interlocutores. O corpo sendo usado como espaço de expressão e resistência e ainda a postura política dele/a gera nos pares um sentido de representatividade e isso importa sim, pois abrem-se novas oportunidades e novos espaços para os negros se expressarem e militarem pelos seus ideais.



Fonte: <http://noize.com.br/entrevista-liniker/#1>. Acessado dia 15/07/2016 às 21hs56min.

Segundo Hall (1997) é na utilização das coisas que é damos significados, em suma como representamos que criamos significado por meio do que pensamos, dizemos e sentimos.

Assim, se percebe a representação de Liniker como a utilização da linguagem para dizer algo significativo como um processo através do qual o significado é produzido e intercambiado entre membros da sua cultura. Ou na opinião de Silva (2012, p. 89) a sua representação é o um “sistema de signos, como pura marca material”, “um traço exterior”, “um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder”.

Hall (1997) explicita que reside na representação dois processos: um ligado ao sistema de correlações do conjunto de representações que possuímos, enquanto indivíduos presentes em uma cultura; e outro relacionado ao mapa conceitual partilhado por meio da linguagem, no qual se pode representar ou intercambiar significados ou conceitos. Mais que compartilhar o mesmo mapa conceitual da nossa cultura ele ainda cria novas aberturas no nosso mapa conceitual, aberturas em que são possíveis a existência e a fama de pessoas.

É como se ele instituísse por meio de suas expressões performáticas a personificação de como a sociedade deve perceber os indivíduos em suas subjetividades sobre os quais ele passa a ter certa representatividade, com toda a sua carga física e emocional, (des)contruindo os estereótipos e criando uma imagem nova, ou o que Butler (2000) distingue como materialidade dos corpos.

Enfim, pensando em tudo que discorreremos até aqui e no sentido do corpo como (re)conhecimento, expressão, resistência e comunicação percebo que nós negros devemos cada dia fazer jus da luta iniciada pelos nossos antepassados e do legado que deixaram a nós, ou seja, continuar resistindo a esse sistema hegemônico que nos oprime diariamente. Que a representatividade de Liniker nos inspire para – respaldados nos Direitos Humanos e Diretos de Cidadania – mostrar que os negros também têm potência.

Neste sentido creio que, mais do que nunca, não podemos continuar omissos diante do racismo, da discriminação racial; não podemos nos eximir diante de tais questões, levando em consideração que os diversos tipos de racismo, assim como um camaleão, podem vir a se camuflar. Necessitamos ter um olhar minucioso para esses problemas, não permitindo mais esse mito da democratização racial que é pregada em nosso país e que, tantas vezes, é reafirmada nos diversos meios de comunicação. Pois, se existe o mito é porque lhe dá força; então se faz necessário o debate dialógico e dialético para que não seja reforçado, e ainda mais, não (re)produzirmos os discursos dos opressores.

**REFERÊNCIAS:**

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgan Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARAÚJO, Joel Zito. **A estética do racismo**. In: RAMOS, Silvia (Org.). *Mídia e racismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002. p. 64-71.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FILHO, Walter Braga. **Uma história do negro no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural palmares, 2006.

ASSUNÇÃO, Débora Pitaluga de. **A inserção do negro nos meios de comunicação**. In: RASSI, Sarah Taleb (Org.). **Negros na sociedade brasileira**. v.IV. Goiânia: UCG, 2009. p.41-59.

BENEVIDES, Maria Victoria. **Cidadania e Direitos Humanos**. In: CARVALHO, José Sérgio (org.) **Educação, cidadania e direitos humanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 19-42

BUTLER, J. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, G. L. (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Tradução: T. T. Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 112-125.

CARVALHO, José Jorge de. **Racismo fenotípico e estéticas da segunda pele**. 2008. Disponível em: <[www.revistacinetica.com.br/cep/ensaioscriticos.html](http://www.revistacinetica.com.br/cep/ensaioscriticos.html)>. Acessado dia 15/07/2016 às 12h45min.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CORRÊA, Laura G. **Corpo exposto: a representação do negro em dois anúncios de telefonia celular**. 2011. UNirevista, v.1, n. 3, p. 2-11, jul. 2006. Disponível em: <<[http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev\\_Correa.pdf](http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Correa.pdf)>>. Acesso em 17/07/2016 às 22:31.

DALLARI, Dalmo de Abreu. Um breve histórico dos direitos humanos. In: CARVALHO, José Sérgio (org.) **Educação, cidadania e direitos humanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 19-42

FERNADES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Dominus, 1965.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução: T. T. da Silva & G. L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo horizonte: UFMG, 2009.

\_\_\_\_\_. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, T. T. (Org. e Trad.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 103-133

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** Revista Brasileira de Educação, v. 41, n. 21, p.140-168, set.-dez.2002.

«LINIKER: “**Sou negro, pobre e gay e tenho potência também**”». Jornal Paulista El País. 13 de novembro de 2015. Consultado em 10 de Julho de 2016.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967.

MENDONÇA, M. L. de M. (Org.). **Mídia e Diversidade Cultural**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

KRISTINE, Lisa. **Pesquisa mostra que ainda existe escravidão**. Disponível em: [www.ted.com/speakers/lisa\\_kristine.html](http://www.ted.com/speakers/lisa_kristine.html). Acessado dia 17/06/2016 às 00hs56min.

SANTOS, Vilson Pereira dos. **TÉCNICAS DA TORTURA**: punições e castigos de escravos no Brasil escravista. ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.9, N.16; p. 2396, 2013.

SILVA, T. T. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 73-102.